



**VA'... CHEGUEM-SE 'A FOGUEIRA  
E SALTEM QUE FORAM VOCÊS QUE  
A ACENDERAM!**



# OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Ora até que enfim! Lá abriu o canal de Suez! Eu acho que isto já devia ter sido resolvido há muito tempo, porque com as dificuldades que o trânsito apresenta por toda a parte, não havia direito de estar ali aquela estradinha fechada ao trânsito.

E nem sequer se podia dizer que fosse para obras, porque curiosamente quando aquela estrada fica aberta ao trânsito, é que começam as complicações.

E depois começaram a aparecer os polícias de trânsito a querer estabelecer prioridades de passagem, mas no fim ninguém se entende.

Vamos a ver se desta vez aquilo se mantém mais socegadoinho...

A Rússia está muito delicada a receber todos os monarcas, que é para ninguém começar a pensar coisas. Aqui há tempos foi a rainha Mar-

gretta da Dinamarca, que lá passou uns dias com todas as honras.

A seguir vai agora o Grão Duque do Luxemburgo. Que é uma monarquia pequenina mas muito girinha.

E a seguir espera-se a visita do rei da Bélgica. E quando ele sair, o Secretário do Partido dirá: — Quem é a Sua Magestade que se segue?

Como era de esperar, logo a seguir à abertura do Canal de Suez começaram as zangagens entre os israelitas e os libaneses. Mais fogueirão daqui, mais granada dali, tudo indica que a festa que esteve interrompida durante algum tempo vai recomençar. Cá estamos para ver aquilo voltar tudo ao princípio.

Quando é que aqueles gajos ganham juízo? Eles não sabem que aquilo aleija?

O senhor Juiz Almeida, membro do Gabinete Político do Partido Comunista Cubano fez um discurso.

E disse que os sistemas capitalistas tinham já verificado que não conseguiram resolver os grandes problemas da Humanidade. E que, como verificavam que as suas únicas possibilidades eram as de desenvolver a tecnologia e a ciência, seria natural que estas se desenvolvessem de forma espectacular nos tempos mais próximos.

Como explicação... não está mal.

Reuniu-se ontem num dos mais distintos salões da capital um grupo de operários, que com geral agrado cantaram a conhecida ópera "A Fuga dos Chatos para o Brasil". Foi solista o notável baixo Giuseppe Pisco, que foi muito aplaudido pelo vigor da sua expressão.

Para tratarem de assuntos importantes da sua classe, um grupo de médicos convocou para um comício todos os operadores.

Compareceram médicos operadores e ainda operadores de telex, operadores de cinema, operadores de máquinas escavadoras, e operadores especialistas em operações financeiras. Consta que os médicos só permitiram a presença dos últimos.

Para uma rápida conclusão de todas as obras em curso, e como se tem verificado que impreterivelmente tem havido

muita gente que há quase um ano que não obra, vai ser distribuídos gratuitamente às massas trabalhadoras sais de frutos, purgantes e clisteres.

Pois é como te digo! Foi tudo razo! A minha mulher chega à cozinha, atira-me com um avental e manda-me lavar a loiça: podes calcular o que lhe disse! Disse-lhe tudo! Em dois tempos pu-la no seu lugar! Descaramento! Mandar-me lavar a loiça atirando-me com um avental sujo! Disse-

-lhe logo: não admito que ninguém toque nos meus aventais! É a última vez! Traga-me já um avental lavado!



Não são apenas elas que gostam mais dos carecas... Aos barbeiros também será mais agradável cortar menos cabelo pelo mesmo preço!

Actualmente, pedir licença equivale a levar tudo na frente!

Os medrosos neste mundo são tantos que até há quem tenha medo quando nada tem a temer!

As mulheres são como as árvores de fruto — querem-se regadas e podadas. Mas, há que saber-se da rega e da poda!...

Paciência e dinheiro é o que continua a faltar a muita gente!

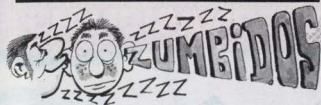
Os extremos não se tocam — chocam-se!

As evoluções são hoje tão rápidas que o dia de amanhã chega a já estar ultrapassado... Antecorrem!

Dantes, abria-se a boca e não se dizia nada — agora, acontece o mesmo... Porque se quer dizer muita coisa ao mesmo tempo!

ARIM





— Então, Zé, sempre te fazem a vontade?

— Não sei, já não tenho a certeza...

— Mas, tu és quem mais ordena...?!

— Na cantiga, é assim... Mas, de cantigas estou eu farto!

— Mas, confias, claro? ...

— Claro, claro, já me parece que desconfio...

— Estás um pessimista... ..

— Realista, realista... ..

— Sem rei... ..

— Nem República, até... ..

— Ah, isso não, Zé... .. Isso não!

— Não? Então não me tomaram conta dela outro dia?! Um jornal em que ninguém se atreveu a tocar nem no tempo da outra senhora... ..

— Ditadura... ..

— Desdita... .. dura, aliás!

— Aliás, agora tens liberdade... ..

— Liberdade tenho mas... ..

— Qual mas?! Tens liberdade ou não tens?

— Tenho, tenho... .. Só que, muitas vezes, nem me atrevo a falar... ..

— Essa agora! A "Pide" acabou... ..

— Pois acabou — isto é, está presa. Mas uma pessoa fala, é sincera e, depois, aborrece-se... ..

— Dantes... ..

— Dantes, o quê? Não me digas que tens saudades? !... ..

— Longe vá o agoiro... ..

— Mas, de certa maneira, estou quase na mesma.

— Quase na mesma?! Como?

— Dantes, se dizia alguma coisa, isto é: mal abria a boca por qualquer coisa, chama-

vam-me logo comunista.

— E agora?

— Agora, se digo que não concordo com alguns ou se concordo de outros, chamam-me logo fascista!

— Sim, isso realmente não está certo... ..

— Nem realmente, nem republicaneamente, nem democraticamente, nem de maneira nenhuma... .. Continuo a não poder dizer aquilo que sinto ou que? !

— Parece que estás irritado... ..

— Não parece, estou mesmo! Irritado, chateado, descontente, aborrecido... ..

E não sou parvo nem estúpido, nem brouco, fiquem sabendo!

— Calma Zé, calma... ..

Cheira aqui este ramo de cravos e acalma-te.

— Isto já não vai com flores nem florados e, sinceramente, nem os cravos já me cheiram ao mesmo de há um ano... ..

— Sim? !

— Até chego a crer que degeneraram e vou ficar cravado mais uma vez... ..

— Qual quê... .. Não há-de chegar a isso, que diabo! ...

— É o diabo, é... .. É o diabo se esta bagunça continua e fazem de mim gato sapato... ..

Será sina minha andar nisto toda a vida, sujeito aos caprichos de uns e de outros?

— Tem confiança, homem... .. Tudo há-de passar... .. Isto é da época... ..

— Passado estou eu e, quanto a épocas, isso é desculpa velha, até já de antes, do "Diário da Manhã"... ..

— Vê lá o que fazes... ..

— O que faço? ! Passo a não ir atrás de cantigas e, depois, quando algum dia me chamarem seja para o que for, faço-lhes um gesto cá muito meu... .. e que se lixem!

— E depois? ! ...

— Depois é que vão saber mesmo quem é que mais ordenal... ..

— Quarenta e três, precisa-se de um voluntário.

— Para quê, meu tenente?

— Para destruir aquele ninho de metre-lhadora.

— Desculpe meu tenente mas, eu não posso... ..

— Porquê?

— Porque sou cristão e é pecado andar aos ninhos!

A diabetes é uma doença muito paradoxal: os que amargam uma vida inteira não estão livres de a contrair; os que a contraem levam sempre uma vida amarga!

ARIM



# Crônicas

## O NOVO

# Medievais

## REINO DE EL-REI

D. BRIOLANJA

— Senhor meu esposo, preciso falar-vos!

EL-REI

— Senhora D. Briolanja, devo advertir-vos que não estou de barriga para caldos. Outros e muito mais importantes negócios de estado me preocupam.

D. BRIOLANJA

— Senhor meu esposo, deixai-me de peveiras. Sabeis muito bem que os vossos negócios de estado acabaram há mais de um ano...

EL-REI

— Isso é o que vós pensais, porque estades mesmo na medida para concorrer ao prêmio nobel da estupidificação. Ficaide sabendo que tal como os antigos diziam que o trabalho da dona de casa nunca está completo, também o trabalho dos reis nunca termina!

D. BRIOLANJA

— Pois quê? Então vós, que aqui para nós já há muito tempo ninguém gravava no nosso antigo reino e que só vos aguentavam porque havia uma data de galifões a comerem por vossa conta é que a tfronca ainda não tinha rebentado, ainda pensais como o D. Sebastião em regressar numa manhã de neveiro!

EL-REI

— Senhora D. Briolanja: eu já vos perguntei quantas voltas de linha dais ao pregar um botão no meu gibão?

D. BRIOLANJA

— Para já, senhor meu esposo, deixai-me de machismos. Eu nunca soube pregar botões e não faço tenções agora de aprender...

EL-REI

— Não importa. A verdade é que os meus modernos gibões já não usam botões. Hei adoptado a recente moda dos fechos de correr, espantosa e admirável invenção. Mas queria eu dizer que cada qual no seu ofício, é que sabe o que lhe é mister. E o meu ofício é de ser rei!

D. BRIOLANJA

— Não me façades rir que teo a boca gretada. Com certeza que estades a reinar...

EL-REI

— Ainda não estou, mas prestes estarei...

D. BRIOLANJA

— Senhor meu esposo, devo advertir-vos que andais muito metido na cachaça. Só assim posso compreender...

EL-REI

— Para vós compreenderdes alguma coisa será preciso enfiar-vola no olho...

D. BRIOLANJA

— No olho? Que idéias são as vossas, senhor meu esposo? Acaso pensades...?

EL-REI

— Calma, calma, senhora minha esposa! Abandonai essas ideias, que eu tenho mais em que pensar...

D. BRIOLANJA

— Ai de mim, já de há muito que me resignei a não pensar nos prazeres do mundo! Mas enfim: Dizei-me o que estades a rebolar na real moleirinha, antes que eu vos diga o que me aflige...

EL-REI

— Não, não, senhora minha esposa! Mantenhamos à nossa real condição de primeiro gentilhomen do reino, como nos compete! Falaide vós primeiro...

D. BRIOLANJA

— Ouviده então. Hei recebido uma mensagem da loja do bufarinheiro pedindo que lhe sejam pagas as contas dos morfos que nos ha fornecido...

EL-REI

— Pois quê? Esse vilão atreve-se a vir pedir contas à mim, que sou o seu rei e senhor muito embora esteja ocasionalmente desempregado?

D. BRIOLANJA

— Ide dizer-lhe isso a ele... Quando lhe falei no respeito que vos era devido pela vossa real condição, respondeu-me: "Lá txo num xei. O que xei é que D. Tomajio como axim como uma frieira e eu não poxo tarle a incher o bindulho xim rexerber nin um pataco furado! E exa coja de xer rei aqui xá num pega!"

EL-REI

— Ora o marafato bufarinheiro! Quem tal houvera de dizer! Lá porque na nossa real generosidade lhe permitimos que nos roube no peso dos morfos, já se julga com direito a atreve-se a pedir pagamento! Eu lhe direi, quando de novo vestir o real manto de soberano!

D. BRIOLANJA

— Mas afinal parece-me, meu muito achado esposo que continuais com febres terças! Voltais a falar em serdes de novo rei, quando sabeis muito bem que já haveis arrunado os butes desse ofício fascista que hoje tão mal visto é...

EL-REI

— Isso é o que vós pensais, minha esposa. Pois ficaide com esta e ide-vos abotoar com ela: muito pouco viverá quem não assistir à minha nova subida ao trono!

D. BRIOLANJA

— Que dizeis, senhor? Acaso terão os meus ouvidos ouvido bem?

EL-REI

— Se não ouvistes bem, ide lavar as oíças que por certo teredes cheias de merda ral. Ficaide sabendo que prestes voltarei a ser proclamado rei!

continua na página 15

# ORA CONTE-NOS... GOSTA DE BAILARICOS POPULARES?



JOVEM  
É ME ERRE!

BAILARINO

QUEM LHE  
DA'O BAILA-  
RICO SOU EU,  
SEU  
PROVOCADOR  
DE  
MERDA!!!



GOSTO MUITO!  
HA' LA' SEMPRE  
TANTO POR  
ONDE ESCOLHER  
NOVAS AMIZADES!

EU CA' NÃO  
FAÇO HORAS  
EXTRAORDI-  
NÁRIAS. AIN-  
DA POR CIMA  
ALIENATO-  
RIAS!!!



SENHORA  
DE  
40



CAPITALISTA

SALTAR A  
FOGUEIRA?  
QUEIMADO JA'  
EU ESTOU!



CONTRIBUINTE

NÃO ME  
CHATEIE!  
ANDO HA'  
TANTO  
TEMPO A  
DANCAR, QUE  
NAL' ME  
AGUENTO  
NAS CANETAS



# Os EREMITAS

Anacoretas, eremitas e cenobitas já não os há iguais a São Paulo de Tebas que buscou tranquilidade e vida contemplativa no deserto nem a Santo Antão que trocou as suas riquezas, doadas aos pobres, pelos tesouros interiores da via mística e das tentações, na Tebaida, nem sequer parecidos com o nosso quinzentista Frei Agostinho da Cruz, alcañoradado na serra da Arrábida, a cantá-la em versos e a fruí-la em isolamento rigoroso e severa penitência. Nos desertos onde outrora eles se refugiavam das perturbações do mundo, ingurjitando gafanhotos, raízes e outros mimos da excêntrica culinária emerícola, há hoje poços de petróleo, caravanas de nómadas que usam camisas Lacoste e calças com a etiqueta Lewis, que bebem coca-cola e transportam "transistors" à tiracolo, todos os sinais de um "modus vivendi" que se opõe à sua vida apartada da civilização; nas serras selvagens, com carreiros antigamente abertos pela contínua passagem dos animais, o nevrótico coelho, a quase extinta raposa, acampam agora os turistas, com latas de conservas, fogareiros de petróleo e gira-discos de pilhas. Escasseia o território que agrada ao eremita, soffredo de solidão e de renúncia aos prazeres e confortos do mundo: as ilhas intocadas e paradisíacas, alheias às complicações do progresso, converteram-se em refúgios artificiais onde refulge o "neon" de um Hotel Paraíso com percentagens e "boitas" sofisticadas e os espíritos que amam o

isolamento ou se sentem destróçados pela poluição sonora das cidades e pelo seu ritmo endiabrado, apenas encontram, na melhor das hipóteses, uma floresta perdida no Amazonas onde se lê na primeira árvore-do-pão o dístico fatal: — "ON PARLE FRANÇAIS".

A vocação para a vida isolada não acabou entre os homens. Mesmo os mais citadinos experimentam de quando em quando uma profunda revolta contra o seu "Habitat" de animais gregários e sonham com o lugar onde haja mais árvores do que pessoas, mais pássaros do que buzinazas, ausência total de letras a pagar, nenhuma contagem de água, luz e telefone. "O inferno são os outros", disse Sartre e pensa-o o homem da cidade, ao desejar evadir-se de um sistema de relações

em que o seu semelhante lhe parece encomendado pela Natureza para contrariá-lo. Mas "para viver absolutamente só — como escreveu outro filósofo — é preciso ser mais do que um deus e menos do que um bicho". E faltam os lugares onde a fuga ao mundo era possível. No nosso país, que eu saiba, apenas restam aos eremitas as Berlengas, no caso deles poderem suportar o granisar infernal das gaivotas. . .

Contudo, perante esta pobreza franciscana de recantos virgens dos males dos tempos e da

civilização, as matérias isoladoras oferecem uma nova solução. Marcel Proust evadiu-se do mundo, recolhendo a um quarto forrado de cortiça, em pleno borborinho de um "boulevard" de Paris. Desta forma, um homem pode ser eremita

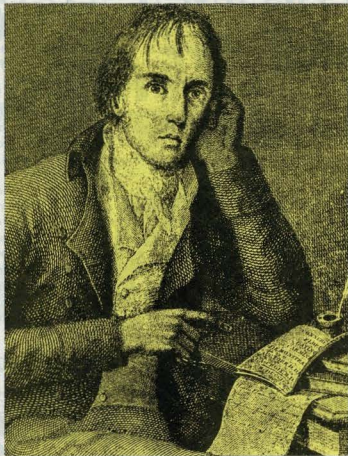
no Rossio, anacoreta com duas assoalhadas na Reboleira, cenobita com janelas para o Marquês de Pombal.

Agora que Lisboa se tornou ora em concerto noturno de businas ora em multidões que berram rimas políticas, agora que o barulho se converteu em instituição pública, que os ajuntamentos e os alfitalantes prosperaram, que o sossego passou a ser olhado com desconfiança — apetece, ah, apetece mesmo ser eremita!

Mas, pelo amor de deus, não contem isto ao M.R.P.P. . .



# CARTAS DE OLINDA A ALZIRA



## BOCAGE

Continuamos hoje a publicar nesta primeira antologia pública da "Poesia Erótica Satírica e Burlesca" de Bocage, as célebres "Cartas de Alzira e Olinda".

Nas cartas que publicamos hoje, Olinda a mais jovem das duas amigas descreve já a louca efusão da sua iniciação amorosa heterosexual, num deslumbramento novo para si, mas sem que por isso deixe de passar nas suas palavras a profunda ternura que lhe ficará para sempre pela amiga que pela primeira vez lhe deu a conhecer a sensualidade cáldida dum amor a roçar pelo líbico mas que apesar disso não foi manchado pela vulgaridade.

As "Cartas de Olinda e Alzira" serão concluídas no nosso próximo número, no pico escaldante da paixão maravilhosamente composta por esse vulto admirável das letras que foi Manuel Maria Barbosa du Bocage.

### OLINDA A ALZIRA

**A**lZIRA, sou feliz... Quanto te devo!...  
As tuas instruções é tal o fruto.  
Quanto me arava em tempo era e meus olhos  
De lígubris ideias feio quadro;  
Tudo o que vejo agora, alegres, vivas  
Imagens prazenteiras me suscita.  
Os ternos sentimentos que prova,  
Mil vezes combinava com ditames  
Que desde a infância sempre me inspiraram;  
Mil vezes reflectia que dos homens,  
Ou de um tirano Deus, era fúdirio.  
Conocer não podia que existisse  
Para experimentar cantáveis lutas  
Entre impressões da própria Natureza,  
E princípios chamados da virtude;  
No pélagio de embates tão terríveis  
Flutuando, implorei o teu auxílio;  
Meu coração te abra: tu leste nele  
O que eu nem mesma deslindar sabia.  
Tu me ensinaste a ver quanto fingidos  
Os homens são, nas vozes e nos gestos;  
Respecto aos olhos, meus nácaros infame  
Com que têm de uso todor' incidir-se;  
Das bordas me salvaste de um abismo,  
Onde a infeliz Olinda se stroja-se.  
Perdoai, Deus imenso! Eu blasfemei  
Contra a tua justiça; ve tu supinha  
Autor do mal, que os homens maquinavam.  
Cria-te incoaquante e despidado,  
Pois sentimentos me imprimias na alma  
Que ás tuas leis contrários me privavam!  
Tu leste, Alzira, festa a que lancei  
Um brilhante clarão ante os meus passos...  
Finalmente aprendi que a singeleza  
Do mundo era bairrada, e o seu império  
Os homens tinham dado à hipocrisia.  
Ruins! Amor por crime afiguraram,  
E nam só de amor viva isentol!  
Para eles não é crime um crime oculto,  
Porque a simulação conta em seu alimo,  
Porém o remorso atufam em seu peito.  
Amor um crime!... Os gostos mais completos  
E os mais puros deleites o acompanham.  
Se a ventura melhor se ou de delito,  
Quem há que ve não stigta delinquenter?  
Dentre as delicias que gozei, querida,  
Com as tuas lições fugiu o crime;  
Eu não senti no coração bradar-me  
A voz desse pesar, senão da culpa.  
Nem meo das punições que gozei.  
Ora, já não é um Deus que nos condena;  
Se se fresseja sobre os criminosos.

Nunca os seus raios meritos me assistaram!  
Um instante acabou o que encicstava!  
Ele, logo olhar meigo me assegurou.  
As doas qualidades que o adornou.  
Afastou-me do espirito recioso,  
Que de mau grado combatia ainda.  
Reinava em seus discursos a franqueza,  
E o fogo que brihava nos seus olhos.  
Que o casto lhe incendiou, em seus transportes,  
Que eram náxeos d'alma me dizia.  
O libéu da impostura o não denigre;  
Não é como dos outros seu carácter;  
Ingénio, ah! ah! prizada Alzira,  
Se tão amável é o teu Alcino,  
Ninguém como eu a tu é tão ditoso!...  
Pouco pressa foi para vencer-me.  
Não teve que impugnar loucos caprichos,  
Com que ultras amantes d'ficuldo.  
O médo gozido, que amor exige,  
Se amor amós int'essa e amboz colheias  
Seus mimos e favores, porque causa  
Havia de indifferença dar indícios.  
Quando meu peito, anteoço, palpitava?  
O médo gozido, que amor exige,  
Se eu o levei da ventura ao cima?  
Não me dava ele a mão para segur-lo?  
Sim; nos seus braços me arrojou sem custo;  
E se o puderes facer me tingia,  
Inda ás charas d'amor não me abrasavam.  
Eu nada e de desejos indizíveis,  
E quantos bájos rebebia, tantos  
Cheios de fervor lhe compensava.  
Seus bájos inflamados atevam.  
As doces labaredas em que ardia,  
E meus bájos, aos bájos seus unidos,  
Sensações reboavam deleitosas.  
Que me fillavam pelo corpo todo...  
Tão grandiosos imoões exp'imentava,  
Que a tanta gozo eu mesma succumbia!  
Presa a voz da garganta, não sabendo  
Nem já poderio articular palavra,  
Respirando enxada e com venciência,  
Os meus sentidos todos confundidos,  
Sem nada ouvir, nem ver, apenas dando  
Sinais de vida, de prazer moria.  
Longe o teu amante, em tais momentos  
Exopto da ideia trinta o mundo inteiro;  
O mundo inteiro então forçat' eu tinha  
Para do meu amante desprender-me.  
Debalde ante meus passos furibundo  
Monstro enantoso viva, em vão lencara  
Do aberto ao a terra ondas de for-o.  
Em say concos mil o céu vibrava,  
Dos braços do amante em tais momentos,  
Nada me podia arrabatar-me.  
Oh quem pudera, Alzira, descrever-te

Que éstas divinal veio pôr termo  
A tais instantes de suaves gostos!  
Isto pode sentir-se e não dizer-se!  
Agora, e só agora me parece  
Que começo a existir; reproduzi-se  
Uma total mudança na minha alma!  
O mundo para mim já tem encantos;  
Sob outras cores vejo mil objectos,  
Que a fantasia me pintou triotónio.  
Propício Amor abriu-me os seus tesouros,  
A Natureza seus tesouros me abriu.  
Tudo te devo, amiga; em todo o tempo  
A teus doces conselhos serei grata.  
Oxalá ditas tantas saboreies  
Quantas por ti, querida, eu próprio gozo!  
Oxalá sintas com Alcino os gostos,  
Que experimento de um amante ao lado;  
Nem ventura maior posso augurar-te,  
Porque maior ventura haver não pôde.

### ALZIRA A OLINDA

**A**temerosa Olinda, é quem me escreve?  
É este o seu pudor, sua inocência?  
Ah! Que as minhas lições, tão bem acetas,  
Dão-me a ver que a discípula inexper'ta  
Há de em breve ensinar a própria mestre.  
Olinda não sabia o que excitava.  
Dentro em seu coração ternos impulsos,  
Que tanto a angustavam... Não sabia  
Qual d'estranha mudança em suas formos,  
Em seus membros gentis a causa fosse!  
A voluptuosa Olinda, devida  
Do mais activo fogo, ingenuamente  
Consulta a sua amiga, e a um leve aceno  
Corre a engolfar-se na amorosa lida.  
Basta um momento a transformá-la toda!  
E porque de tão próprio successo  
Pretendes, tu, querida, dar-me a prova?  
Não, não fui eu; somente a Natureza  
Sabe fazer tão súbitos prodígios.  
Como depressa ao mal que te inquietava,  
Próvida, sugeri remédio activo!  
Como de uma boçal, incauta virgem  
Um amante formou tão extremo!  
A agradável pintura, que boquejas,  
Das lindas tranças tuas que desistis  
Entre os braços do amante afurtado,  
Não é, querida Olinda, tão sincera,  
Como sincera foi a que trastei  
De ignotas emoções a Amor sugestas.  
Já não te exprimes com igual candura.  
Tão linda e tão, nova linguagem,  
Porém não mascarada em letras,  
Vejo que anunciar-me antes procura.

Após do que se há feito, o que se pensa,  
Do que por gratificações d'escelo e interesse  
Pouco a pouco esmaecer, dar-me a parirido.  
Rego o público veio, com que delicias  
Aos olhos de uma amiga encender buscas  
Voluptuosos traças, que transuzem  
Nas tuas expressões; quando inocente  
Menos recato meias incultavas,  
Eu lio com prazer dentro em tua alma  
Os sentimentos que á affectavam todos.  
Tenho direito agora a exigir-te  
A ingénuo confissão desses momentos,  
Prelúdos do prazer em que te engolfas.  
Quero saber por que impensados lances  
Dum amante nos braços te arrojaste;  
Como o pudor fugiu, e o que sentiste  
Quando, abrasada em fervidos desejos,  
Misturada com d'ir indefinível,  
De amor colheste, atônita, as primicias  
E provaste entre gostos e agonias  
O que uma vez, não mais, pôde provar-se.  
Tens um amante; eu sou a tua amiga;  
Ele te dá praz, dela o confia.  
Gostas os momentos que gozar não podes,  
Do gozo em recordar puras delicias.  
Nem todo o tempo a amor pôde ser dado.  
A mo ventura que o mortal encontra,  
Seja embora infeliz e despidado,  
É lembrar-se que foi já venturoso,  
E o não desparar de se-lo ainda.  
Um termo aos males seus pôde muitas vezes.  
Alzira foi do teu prazer motora,  
A gratidão te obriga a dar-lhe a paga.  
É nobre o meu interesse e não mesquinho;  
Pago-me de escutar ás tuas ditas,  
E contenta a meus raios fogos vejo,  
Saber os teus momentos de laceros.  
Mas vê que o sacrilégio que te peço,  
Eu própria; generosa, ao primeiro.  
Primeiro eu quero tímidos recios  
Calcari aos olhos teus; entra em mim mesma,  
Vê como reína Amor dentro em mim'alma!  
Como só ele far meus gostos todos!  
Chamem embora apáticos estóicos  
Ardores sensuais os que me inflamam;  
Chamem-me torpe, chamem-me impudica;  
Tas voluptuosas valiam o que eu gozo.  
Venha a rancosa, vã teologia;  
Crimos finge, arjar eternos fogos;  
Eu desfilo os seus sequezes todos;  
Eu desfilo o Deus que eles trojavam!  
Nos mais puros deleites embebeda,  
Bebo o mesmo arrostar, posso arrastar-las!  
Nem estremeço, não, amada Olinda,  
Longo do fanatismo a turma odiosa,

cont. no pag seguinte



Que infames leis, infames prejuízos,  
Quais cabeças fatais d'hidra indomável  
Para o mundo assolar tem rebentado!  
Não há para os cristãos um Deus dif'rente  
Do que os gentios têm, e os muçulmanos;  
Dogmas de bonzos são condignos filhos  
Da fraude vil, da estúpida ignorância,  
Da opressora política protergia.  
O que Razão desnega, não existe.  
Se existe um Deus, a Natureza o of'rece:  
Tudo o que é contra ela é ofendê-lo.  
A sólida moral não necessita  
De apoios vãos; seu trono assenta em bases  
Que firmam a Razão e a Natureza.  
Outra vez eu farei que estes ditâmes,  
Com seguros princípios sustentados,  
Destruam tua crédula imperícia,  
Abafando ilusões que desde a infância  
Te lançaram na mente, inculta e frouxa,  
Que Fúrias tem, que tem Dragões e Larvas,  
Para os gostos da vida atassalhar-te,  
Para a remorsos vis dar existência.  
Por ora, segue o culto que te apontam  
As emoções da própria Natureza:  
Sê religiosa e firme em praticá-lo.  
O meu Alcino, a quem eu devo tudo,  
Num momento desfez o que em três lustros  
Néscios pais procuraram sugerir-me;  
Por hábito, adoptei de uns a doutrina;  
Por gosto, doutro as máximas sem custo  
Dentro em meu terno peito radicaram.  
Tu sabes, minha Olinda, quão perplexa  
Minha alma balançava entre os combates;  
Que a rude educação que recebera,  
Dentro em mim mesma opunha sentimentos,  
Cujos estranho poder toda me enleava.  
Foi neste estado de incerteza e inércia,  
Que Alcino desposei: oculta fonte  
Me impelia a adorá-lo, não sabendo  
De deleites que fonte inexaurível  
Se ia abrir para mim entre seus braços.  
Do dia nupcial todo o aparato  
Olhava como um sonho!... É impossível  
A estupidéz, o pasmio em que me via  
Traçar aos olhos teus; lembra-me apenas  
A inquietação d'Alcino em todo o dia,  
E a avidéz de prazer, em que enlevado,  
Terminado o festim, já alta noite,  
Ao toro nupcial foi conduzir-me.  
Ficámos sós: eu tímida, agitada,  
Em soçobro cruel (qual branda bomba,  
Que ao tiro assustador voa e revoa,  
Aqui e ali mal pouso, se levanta  
Sem guarda encontrar que ao p'riço a salve)  
Palpitava, tremia, e de meus olhos  
Corria em fio inespontâneo pranto.  
Eu sentia no rosto e em todo o corpo  
Espalhar-se o rubor que gera o sangue,  
Pelo fogo que toda me abrazava.  
Não sei que meigos termos neste tempo  
Soltava Alcino; eu nada percebia;  
Porém vi que a meus pés, banhado em gosto,  
Chorando de prazer, súplices votos,  
Ardentes expressões balbuciava.  
Pelo meio do corpo com os seus braços  
Cingindo-me ansioso, sobre o leito  
Me foi em fim lançar. Quando eu ardia

Em chamas de pudor, o mesmo incóndio  
Davam a Alcino sofregos transportes;  
Suas trementes mãos me despojavam  
Dos nupciais ornatos; e seus beijos  
Convulsivos esforços que lhe opunha,  
Pagavam com furor, suas carícias  
Amiudando, afouto e temerário.  
Irosa quis mostrar-me; mas os fogos  
Que o pejo tinha aceso, então tomando  
Mais activo calor, porém mais doce  
Minhas repulsas, de ternura cheias,  
A maiores arrojos o excitaram;  
Menos tímido, quanto eu mais irada,  
Meus olhos, minhas faces e meu seio  
Beijava Alcino. Eu, lânguida, fitando  
Nele amorosas vistas, reclinei-me,  
Sem resistir-lhe mais, sobre o seu colo.  
Importunos vestidos, que estorvavam  
Seus inflamados beijos de tocarem  
Ocultos atractivos... longe arroja.  
Então, aos olhos seus (tu bem o sabes,  
Quando outrora passávamos unidas  
Em inocentes brincos... feliz tempo!)  
Meus peitos, cuja alvura terminavam  
Preciosos rubis, patentes foram.  
A voluptuoso tacto palpitante  
Mais e mais se arrijaram, de maneira  
Que os lábios não podiam comprimi-los.  
Meus braços nus, meu colo, eu toda estava  
Coberta de sinais de ardentes beijos.  
Os leves trajos que ainda conservava,  
Em vão eu quis suster: rápido impulso  
Guiava Alcino; d'Hercules as forças  
Ali vencerá... As minhas que fariam?  
Co'as forças o pudor desfalecido,  
Deixei faltar seus olhos e seus gestos.  
"Que lindos membros!... Que divinas formas!...  
(De quando em quando, extático, dizia)  
"Ah! Que mimosos pés!... Oh Céu!... que encantos!...  
Que graças aparecem espalhadas!...  
Que tesouros de amor sobre estas bases!...  
Oh que prazer! Que vistas deleitosas!...  
Alzira, eu vejo em ti uma delidade!  
Deixa imprimir meus ósculos aonde  
Entre fios subteis se esconde o nácar!...  
Deixa esgotar a fonte das delícias!...  
Ah! Deixa-me expirar aqui de gosto!...  
Não mais rubor, Alzira, não mais pejo!..."  
Eram brassas, que as carnes me queimavam,  
Seus dedos, os seus beijos, sua língua!  
Sim; Sua língua, bem como um corisico,  
Abriu rápida entrada, onde engolfadas  
Todas as sensações lutavam juntas;  
Pela primeira vez dentro em mim mesma  
Sentí gerar-se súbita mudança,  
Com que de envolta mil deleites vinham.  
Comunicou-me sua raiva Alcino,  
E na lasciva acção, que prosseguia,  
Tal int'resse me fez tomar, que eu própria  
A seus intentos me prestei de todo.  
Entre incessantes gostos doces gotas  
Brotavam sobre os toques impudicos.  
Mas quando, ao crebro impulso extasiada,  
Cheguei ao cume do prazer celeste,  
Ardente emanção de íntimos membros,  
Que electrizavam fogos insfrevíveis,  
Inundou o instrumento das delícias,

Como se ao crime seu vubrassem pena,  
Ou antes dessem prémio. Afadigado  
Na maior languidez, quasi em deliquio,  
Alcino veio ao meu unir seu rosto.  
Neste instante, eu não sei que desejava;  
Sei que o primeiro ensaio dos prazeres,  
Em vez de sufocar activas chamas,  
Centelhas transformou em labaredas,  
Infundiu-lhes vigor inextinguível.  
A ardência dos desejos combatia  
Recieos oculto, sem nascer do pejo.  
Num volver d'olhos se despiu Alcino,  
E deu-me nu a ver quam bem talhado  
D'ombros e lados, com feições formosas,  
Seu corpo era gentil; válidos membros  
Cobria fina pele; era robusto,  
E delicado a um tempo; esbelto, airoso  
Medíocre estatura, olhos rasgados,  
Mimosas faces, rubicundos beijos,  
Cheio de carnes, sem que fosse obeso,  
Igual nas proporções... Eis um mancoço  
Digno de a Marte e a Adónis antepor-se,  
Não tendo de outro a rude valentia,  
Nem tendo d'outro a femilim brandura.  
Então lancei curiosa ávidas vistas  
Sobre ignotas feições. Fiquei pasmada  
Ao ver do sexo as distintivas formas  
Dobrando a extensão. Dobrou meu susto,  
Mormente quando, desviando Alcino  
Meus pés unidos, entre meus joelhos  
Seus joelhos encravou, e com seus dedos,  
Procurou dividir da estreita fenda  
Pequenos fechos, sobre os quais, de chofre,  
Assettou o canhão que me assustava.  
Ao medo succedeu uma dor viva,  
Como se agudo ferro me cravassem...  
Alcino impetuoso ia rompendo  
A ténue vedea... Em vão, com mil gemidos  
Em pranto debulhada, eu lhe pedia  
Que não continuasse a atormentar-me.  
O cruel, minhas lágrimas bebendo,  
Respirando com ânsia e furibundo,  
Com a boca colada sobre a minha,  
Meus gritos abafando, me rasgava.  
Mais internos pruridos flagelavam  
Intactos membros, mais ardor veemente  
Abrange a todos do que os outros sofrem.  
Cupioso suor ardente e frio,  
O cansaço d'Alcino, a aflicção minha,  
Inculcavam assaz que eram baldados  
Seus esforços creusos para romper-me.  
Tão árdua intromissão debalde havia  
A custo do meu sangue repetido.  
Se enorme corpo diminuta porta  
Deve transpôr, carece de abater-lhe,  
Antes d'entrar, humbrais a que se encosta.  
A violenta fricção traiu Alcino,  
E o membro, que tentava traspassar-me,  
Da própria sanha aos ímpetos rendido,  
Sucumbiu, espumando e horrendamente.  
Da eléctrica matéria nas entranhas  
Cairam-me faiscas derretidas;  
Um vulcão se ateou dentro em mim toda;  
O insofriável ardor que me infundiu  
Líquido tiro, ao centro já chegado  
Por onde apenas o expugnado forte  
Da inimiga irrupção indefensável,



Podia receber patente dano,  
Tais estragos causou, que mais valera  
A entrada franquear ao sitiante.  
Já dor não conhecia; chamejava  
Meu próprio consue com violência tanta,  
Que lacerar-me as veias parecia.  
Na estância do prazer lançava Alcino  
Do Montgibello as lãs, e extingui-las  
Só tormentas mais fortes poderiam.  
Improvisto calor calou-me o peito.  
Quisera eu já expor-me aos vivos golpes;  
Quisera já no meio da carnagem  
A batalha sustar, ganhar a morte  
Ou a vitória, de triunfos cheia.  
Tardava a meus desejos ver completa  
D'Alcino a empresa; eu mesma o provocara,  
Se, enfim, refeito da ufanaso esgrima,  
O não visse ameaçar um novo assalto.  
A um resto de temor maldisse afouta,  
E comigo jurei de não dar mostras  
De leve dor, bem que me espedaçasse.  
Alcino sottopõe uma alfomda  
Para o alvo nivelar, e separando  
Quanto mais pode nítidas colunas,  
O edifício tentou pôr em ruína.  
Ao forte, insano impulso eu respondendo,  
(Ahi! Que o valor cedeu no transe affilado)  
O muro se escalou!... Foi tal a força  
Da agonia cruel, que, esmorecendo,  
Semiviva fiquei; enquanto Alcino,  
Dobrando e redobrando acerbos golpes,  
Do reduto de amor o íntimo acesso  
Penetra entre meus ais e os meus gemidos.  
Outra vez attingiu supremo gozo,  
Gozo celestial, cujos eflúvios  
Um bálsamo espargiram delectável,  
Que dissipava o dor, chamando a vida.  
Letúrgicos alentos me abismaram  
Num pérgao de gostos indizíveis;  
Elevaram-me a um céu d'imensas glórias.  
Encadeei Alcino com meus braços,  
Enlacei-o com os pés entre as espaldas;  
Férvidos beijos dando e recebendo  
Com frenético ardor, com ânsia intensa,  
Chamando-lhe meu bem, minha alma e vida,  
Vozes, suspiros confundindo... Tanto,  
Tanto enfim apressei dos hirtos membros  
Forçosa agitação, que, num momento,  
Inefáveis delícias distilando,  
Alcino em mim e eu nele ao mesmo tempo,  
Libámos juntos quanto prazer pode  
Os mesmos homens figurar deidades...  
Minha Olinda, que instantes!... Eu não posso  
Traçar-te a confusão de emoções novas  
Que no êxtase final me transportaram!...  
Amarga, acerba dor sucumbe ao gozo  
Da ventura sem par... Vitis alentos  
Saborear não podem tantos gostos...  
É preciso morrer entre deleites,  
E fora melhor não tornar à vida,  
Que conservá-la sem morrer mil vezes.  
Sete vezes Amor, chamando às armas  
Seus súbditos fiéis, travou peleja:  
Sete vezes Amor bradou "Vitória!"  
Da indefesa coragem conduziu  
Morfeu veio c'roar nossas proezas.  
Eis de que modo a tua Alzira soube,

D'Amor com as lições, sublime voo  
Erguer afouta sobre o néscio vulgo.  
Este odeia o prazer por v' modestia,  
E as pudicas vestais, escravas do erro,  
Não cessam de embair-nos, afectando  
Duma virtude vã mimicas formas,  
Que o que se anela mais a encobrir forçam  
Forçam em vão, que a Natureza brada,  
E ao grito seu, queira ou não queira o mundo,  
Curvo depõe fiçoças da insânia filhas,  
Tirando abrochos que da vida lança  
Na aprazível estrada impostor brada.  
Assim ornei a fronte radiosa  
De vicinante rama, que decora  
Vitórias que do erro herois alcançam.  
Toma das minhas mãos, amada Olinda,  
Proveitosa lição: tu já comecas  
Triunfos a ganhar, cheios de glória.  
Dócil tu alma a impobros dictames,  
Dócil será também, de mais bom grado,  
Às piedosas leis da Natureza.  
Retrocede, como eu, da inextricável,  
Sinuosa vereda, onde perdidias  
Palpamos trevas, tacteando abismos:  
Desaprende a fingir: só quadra ao vício  
Acobertar-se com mendaces roupas.  
A modestia, o pudor gera a ignorância,  
Ou do mal feito vem o sentimento interno;  
O mais é cobardia, ignívia rude,  
Que só numa alma vil pode arraigar-se.  
Cabe a quem soube respirar, vencendo  
Da impostura as traubições, um ar mais puro;  
Olhar d'em torno a si, ver quanto distante  
Pulverulenta jaz infame turba.  
Cabe ostentar o garbo e a louçania  
Que espanta o vulgo, impondo-lhe o respeito  
De que a nobre altivez se faz condigna.  
Deixa-lhe os modos, toma o que cumpre;  
Sincera Olinda, tu amiga imita.  
Eu não curo de dar-me toda a Alcino,  
Nem eu curo tanto de confessá-lo.  
Instintos naturais, se não são crimes,  
Como crime será narrar seus gozos?...  
Se é inocente a acção, a voz não peca:  
Dest'arte saboreia o que estudaste,  
E dest'arte falar, ahi! não vaciles!...  
Não te escuse o pensar que igual pintura  
Objecto igual exige, minha Olinda.  
Não; os gostos de amor sempre há mudança,  
Amor sempre varia os seus deleites.  
Eu mostrei-te o modelo; em mim o encontras;  
Usa da singeleza que te é própria,  
E abre o teu coração, cheio de gozo,  
Qual, antes de o provar, ingénua abriste.  
Se expor da sorte infensa a crueldade  
Dá lenitivo ao mal que se experimenta,  
Sobre-eleva o prazer à extrema dita,  
Quando de o confiar redunda interesse.  
Eia, querida! anue as meus desejos:  
Rouba um instante a amor, dá-o à amizade

CONTINUA  
NO  
PRÓXIMO NÚMERO

## ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS

Na Sicília havia duas famílias que desde há mais de quinhentos anos viviam em Rixa. Que naquelas zonas se chama tradicionalmente a "vendetta" (que é o mesmo que dizer a vingança) mas aqui, com o tempo as coisas foram ampliando e claro há uns tempos atrás a aldeia de Scaparello viu com geral satisfação que o filho duma dessas famílias tinha casado com a filha da família inimiga.

Uma espécie de Romeu e Julieta a acabar em bem, e as duas famílias que já tiravam o chapéu muito delicadamente uma à outra, foram todos ao casamento.

Tudo correu muito bem até que um dia a mãe da rapariga decidiu ir passar uns dias a casa dos jovens desposados, e o pior foi que se esqueceu de voltar para casa.

Foi ficando, foi ficando, mesmo ignorando as claras alusões que o noivo fazia a que "quem casa quer casa" e "entre marido e mulher"... e outras coisas parecidas.

A sogra sorria, dizia que estava muito satisfeita de viver com ele... e nada se de pirar.

Até que uma bela manhã, o noivo ao sentar-se à mesa pôe ao seu lado o velho punhal da família, onde ainda se viam manchas escuras de sangue.

E perante o assustado espanto da jovem esposa de o ver sorridente limpar o velho punhal ele perguntou:

— A tua mãezinha ainda não te disse quando é que volta para casa?

— Não... porque perguntas isso, adorado amor?

— Niente, niente! Deixa lá isso. Tu lembras-te daquele meu bisavô que abriu a barriga ao tem aí por voltas de 1800?

— Mas...

— Não é nada filha carina. Mas talvez não fosse mau a tua mamã ir para casa dela. Sabes: estas coisas da vendetta às vezes voltam... eu tenho acabado a sentir umas coisas esquisitas a passar-me pela cabeça...

Claro que a mamã carina foi para casa logo nesse dia...



Num concurso de bebedores de cerveja do Yorkshire, o campeão foi destronado por uma mulher.

Com efeito a senhora Mary decidiu arrebatou o lugar de bebedora mor ao seu conterrâneo Jim Stuart, e desafiou-o publicamente.

Durante a competição Mary emborcou trinta e duas cervejas, enquanto o seu adversário só se conseguiu aguentar de pé até às trinta.

No final Mary declarou que tinha desafiado aquele fala barato, porque estava farta de machis-

# Quem canta seu

Outro dia, — à noite, das páginas recheadas de boetas onde, ainda, acima do sinal — em rara hora política (diário e jornal) de lazer, a nossa diva — deu uma saltada a uma gente imaginação saltou de aquelas tabernas lis-boetas onde, ainda, acima do sinal — em rara hora política (diário e jornal) de lazer, a nossa diva — deu uma saltada a uma gente imaginação saltou de aquelas tabernas lis-

**O' LUA QUE VAIS, TÃO ALTA  
LÁ NO CÉU A REBRILHAR  
ILUMINA BEM A MALTA  
POIS... ISTO QUER É LVAR**



# mal ESPANTA

taberneiro — todos são amigos, mesmo quando meço despiques à portuguesa e demo-pólicas ou não, ali à frente dos copos e das C. (quanto cada qual mantém as suas ideias, e bom jeito do camarada copos e umas tossidelas, magro e menos sorridente atrairam-se uns aos outros, a cantar com tal gana que até parecia que era verdade... ou que já estivesse onde a coisa, pelos amescos, vai ser bonito...)

O primeiro a botar canção foi um sujeito de meia-idade, simpático e bem parecido que, seguro de si, logo atacou, parafraseando aquele estribilho de um fado que o

A chama imensa...  
Que leva a palma...  
Aqui a cantiga parou porque, enquanto uns bataram palmas (af' uns doze e tal por cento da assistência...) os outros deram uma risada rítmica por causa da contradição (elefórica) entre a cantiga e a votação. O cantor fez assim uma cara esquisita, de quem não gostava dos risos mas, não se desmanchou — apenas não foi mais adiante com a cantiga.

Palmas de todos os presentes, embora com alguns olhares de soslaio, por causa da tal mão no ombro do camarada cantor que o antecederá...  
E foi então que, para animar a cantiga o despique, um tipo alto que antes arranjara um banco para apoio das suas congeminações, entrou com esta quadra, ao jeito do fado corrido:  
"O lua, que vais tão alta Lá no Céu a rebrilhar, Ilumina bem a malta Pois... isto quer é lvar!"



**POR...  
RABAL  
DARIA**

Carlos do Carmo canta muito bem e a que ele deu, como lhe foi possível, um jeito:  
"O ser socialista, Tem de tudo um pouco, Sem ser comunista Nem "chapeu de côco".  
Sabe andar à moda E à maneira antiga, Percebe da moda E... o Povo que o digal...  
Ainda mal a cantiga a as palmas tinham acabado de soar, logo um outro, mais novo, mais

deu palmas — embora não tantas... E entrou então na lpa um sujeito magro, de cabelo branco, simpático mas, de rosto triste e um tanto impetrável que, em voz pausada e de bom timbre, se saiu com um pequeno arranjo daquela cantiga do Dr. Paulino que os benfiquistas, durante uns anos, tiveram que gramar antes de todos os desafios disputados no Estádio da Luz:  
"Ser comunista E ter na alma

ga. E foi nesta altura que entrou o militar à paisana, o qual, pousando a mão no ombro do taciturno camarada — seu conhecido, decerto — entrou por sua vez na contenda com aquele fado do Farinha que diz assim:  
"Adoro o Povo, anos, tiveram que gramar Tenho p'lo Povo amizade... E terminou:  
"Adoro o Povo, Essa gente ilica a mim, Pois é p'lo Povo que eu luto de nota — ou de Barão. Foi do Povo que eu vim... de Hospital!"

# MEU AMIGO

# Alfredo

Eu ia muito descansado pela rua fora, quando encontrei o Alfredo. Vocês não o conhecem — nem o podiam conhecer, até porque se o tivessem conhecido não o conheciam agora, e se o conhecessem agora então é que não o conheciam mesmo.

Isto pôde parecer muito complicado, mas não é, e eu explico: O Alfredo, quando eu o conheci aqui há uns anos atrás era... era... bom, eu não gosto de dizer mal de ninguém e muito menos dos meus amigos. O Alfredo era meu amigo. Eu já acho que os amigos são para as ocasiões. O Alfredo também achava. E era por isso mesmo que ele era o meu amigo. Bom, para pôr a coisa em termos dum certa decência, o Alfredo era um filho da puta. Bom rapaz, sim, lá isso era. Mas como eu disse ele pensava que os

amigos são para as ocasiões, e como também não fazia excepções para as mulheres, não era nada disso de se desconsiderar, o Alfredo vivia à custa dos amigos e das amigas; porque se os amigos (e as amigas) — dizia ele — o Alfredo passava a vida a cravá-las a elas e a chulá-las a elas.

Claro, como era tudo gente amiga e ele tinha sempre muitas ocasiões em que precisava dos amigos era nessas alturas que ele, aí temos recordações que ele se fartava de trabalhar, organizava o seu horário de trabalho sem se preocupar até a fazer horas extraordinárias. Sim, porque o Alfredo levantava-se cedo: não pensam que ele era algum calão. Aí por volta do meio dia e meia hora já estava de serviço, isso era. Mas como eu disse ele pensava que os

e cafés onde a malta que finge que tem só dez minutos para almoçar vai comer duas sandes e beber um copo, porque assim não se mete em cavalarias altas de almoços de meio bife pão e vinho que ficam quase por oitenta paus.

E como ali estava, metia conversa com o primeiro que lhe aparecia, dizia que tinha que ir daí a bocadinho falar com o director geral dum grande firma por causa dum negócio para o qual lhe iam dar um balúrdio, e no meio da conversa pagava numa sande do balcão e sem parar de falar mordida toda num abrir e fechar de olhos. Depois chamava o criado quando ele estava longe em sítio onde o não podia ouvir e bebia a correr o copo de vinho do amigo que estava poadado no balcão... era assim:

— Pois Marques, aquilo vai dar muito. Olha, aqui era uma coisa boa para ti: eu tenho que arranjar até amanhã um delegado para a zona de Benfica e tu moras para aqueles lados: aquilo dá pouco trabalho, é só guardar os talões que os vendedores mandam... e tu ganhavas ali uns quatro ou cinco contos, sem trabalho nenhum... tu tens telefone, não tens?

— Tenho... tartamudeava a vítima —  
— Então dá cá o número. Depressa, pá que o

chouffeur da empresa deve estar aqui a passar... eu disse que esperava por ele aqui... — O Zé, tem paciência, paga aí isso e depois diz-me quanto é. Eu telefonote logo à noite para

— Vou já, vou já! — e depois para dentro, já a abotoar o casaco: — O Zé, tem paciência, paga aí isso e depois diz-me quanto é. Eu telefonote logo à noite para



Muitos se arrependem de ter nascido quando (se o pudesse fazer) já não poderiam voltar atrás, e pensam na morte, quando reconhecem que já não valerá a pena estar com pressas. Por isso é que muitos descrentes continuam neste Mundo!

Tal como certos produtos, as mulheres (e outras coisas que se pintam...) deveriam ser obrigadas a pôr o tal rótulo que diz: "Corado artificialmente".

É raro o "dia de futebol" que não haja "casos de arbitragem". É caso para aconselhar os árbitros, parafraseando um conhecido rílar: — "Antes dos casos... vê o que fazes"...

"O pão deve comer-se integral, para nos prevenirmos da diabetes" — dizem (e escrevem) os entendidos. Uma comezinha verdade a esse respeito é que, quanto a nós, jamais tivemos conhecimento de qualquer pãrdal que se tenha queixado dessa doença... Comem o trigo com casca e tudo!

As mulheres a dias continuam a fazer-nos muita pena. Ainda não deixaram de trabalhar "de balde"!

A partir deste número "Os Ridículos" passam a ser distribuídos pelos seus próprios serviços pelo que todos os agentes se devem dirigir para tratar quaisquer assuntos de venda à sua sede na R. Conde Redondo n.º 12-2.º em Lisboa.

combinarmos isto. Até logo!  
E pronto. Pirava-se numa corrida, virava a equina a chamar para um carro que não tinha nada que ver com o caso, e virada a esquina, ia para outro tasca fazer o mesmo.

Por isso eu disse que ele era um filho da puta. Mas lá que era um gajo activo, isso era.

Pois como eu vos ia dizendo, ia eu pela rua fora quando encontrei o Alfredo. E claro, aboteei logo o casaco, por causa das dúvicias.  
— Olha o Tobias! É pá há quanto tempo não te via!  
— Pois não. Foi desde aquela vez que me levaste cinquenta paus me trazeres um transistor japonês que tinha a vantagem de não dar publicidade...  
— Pois foi. Uma gaita. Sabes? Tive um sarilho com os gajos das emissoras e da televisão, porque isso prejudicava-os. E acabei por ter que lhes garantir que não entregava nem mais um desses transistores...  
— Pois sim, mas os cinquenta paus...  
— Ora, ora, cinquenta paus! Estás tu para aí a dar importância a uma merda dessa! Olha, pá, agora é que é bom fazer negócio. Sabes que eu agora tenho um negócio bestial em vista...  
— Oh filho, deixa-te de fitas. Comigo isso não pega. Tu sabes bem como eu te conheço. E quando não estares aí a perder o teu rico tempo, capacitado de que eu sei, mas sei desde há muitos anos que tu és um vírgaro, um gologista, um simpático escroque, e segundo dizem as bonecas um delicioso chulo, melhor que todos os outros porque até nem arreas porrada nelas nem nada. Entendido?  
— Bem, mas...  
— Mas, nada. Gostou muito de falar contigo, mas daqui não levas nada, pronto.

Com mais palavras e piores actos, se fazem desactos!

Quem só quer o seu cartaz, procura guerra e não paz!

Cartaz a cartaz se surtem as paredes!

Com mútuas acusações se deterioram colicções!

De partido em partido anda a pulga no ouvido!

Em comícios e reuniões, se tomam boas e más resoluções!

Quem é fascista não vota e fica na lista!

Pide fosta, preso será!

Bom, bom o Copcon!

ARIM

até te vinha dar o que te devo...  
— Abri a boca de espanto. O Alfredo a dar alguma coisa... só se for as boas tardes. Gagueiei:  
— Tu... queires dar-me... o quê?  
— O que te devo, pá! Então tu esqueceste-te? Olha que eu cá não me esqueci! Devo-te esses cinquenta paus do transistor, e mais trinta paus dum almoço que tu um dia pagaste porque eu não tinha troco, não te lembras?  
— Realmente... olha que nunca me passaria pela cabeça...  
— Mas parece-me a mim, que gosto das contas direitinhas. Pronto, cinquenta paus...  
— Ora, ora, cinquenta paus! Estás tu para aí a dar importância a uma merda dessa! Olha, pá, agora é que é bom fazer negócio. Sabes que eu agora tenho um negócio bestial em vista...  
— Oh filho, deixa-te de fitas. Comigo isso não pega. Tu sabes bem como eu te conheço. E quando não estares aí a perder o teu rico tempo, capacitado de que eu sei, mas sei desde há muitos anos que tu és um vírgaro, um gologista, um simpático escroque, e segundo dizem as bonecas um delicioso chulo, melhor que todos os outros porque até nem arreas porrada nelas nem nada. Entendido?  
— Bem, mas...  
— Mas, nada. Gostou muito de falar contigo, mas daqui não levas nada, pronto.

— Adeus, Alfredo! Até qualquer dia!  
Fiquei contente. Afinal o Alfredo é um gajo porreiro. Claro tem aquele fraco de meter a sua galpanda. Mas ele sabe bem com quem se mete. Claro que o que é preciso para a gente não cair, é dizer-lhe logo de caras como eu lhe disse o que pensava dele. Ora vejamos lá se ele não mudou logo de conversa! Vinha para cá com paleios de negócios... e afinal acabou por largar... por largar...  
De repente fez-se luz no meu espírito:  
— Mas afinal... o gajo não me deu os cem paus. Então... então... eu ainda andei com vinte! Ai coisas de gritos. Adeus, pá! Cumprimentos à tua vozinha dita que ele era um filho da puta!

— Bem, mas...  
— Mas, nada. Gostou muito de falar contigo, mas daqui não levas nada, pronto.

— Bem, mas...  
— Mas, nada. Gostou muito de falar contigo, mas daqui não levas nada, pronto.

## O NOVO REINO DE EL-REI

cont. de págs. 5

D. BRIOLANJA  
— Ó meu muito amado rei e senhor! Ó meu idolatrado esposo, defência das minhas longas noites aconechado no calor da vossa pança! Não me alimentades esperanças que não sejam fundadas! Dizeide-me prestes que novas haveis recebido! Voltaremos ao nosso antigo reino? Voltaremos a dominar aquela plebe revoltada e voltarão a deixar-vos por cima da real pinha aqueles papelinhos de cores que usavam deitar quando vos convidavam para inaugurar um charafaz?

EL-REI  
— Isso e muito mais! Mas não será já que voltaremos ao nosso antigo reino. Este, ao que penso, deu já o que tinha a dar. Tenho um outro muito melhor: um novo reino para nós D. BRIOLANJA

— Outro reino? E onde ireis achá-lo neste conturbado mundo?  
EL-REI  
— É fácil, minha amada esposa: esqueceides que aquelas ilhas que o nosso antigo reino tinha ali nos mares atlânticos se quiseram rebelar contra os governantes de hoje do nosso antigo reino?

D. BRIOLANJA  
— Sim, parece que já delas ouvi falar... mas de que vos serve isso?  
EL-REI

— Soides mais estúpida que uma centopeia com reumatismo! Então vós não percebedes que se as gentes dessas ilhas não gramam os infieis que governam o nosso antigo reino, e se esses infieis também me não gramam a mim, isso só pode significar que as gentes dessas ilhas me irão receber de braços abertos quando eu os oferecer para ser rei delas? Ficades sabendo que estades neste momento a obter para Sua Majestade D. Tomázio I, Primeiro rei ilhéu!

## OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração, composição e distribuição R. Conde Redondo n.º 12-2.º LISBOA Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS  
FABULOSA  
GAMA DE  
APARELHAGENS  
ELECTRODOMÉS  
TICA E DE  
SOM  
ESTEREOFÓNICO  
DAS MAIS  
FABULOSAS  
E  
ACREDITADAS  
MARCAS  
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
"EPEDA" E "DELTALOC"